



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará

ATIVIDADES MUSICAIS DE INTERAÇÃO COM ALUNOS SURDOS: UMA PROPOSTA DESAFIADORA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Helena do Nascimento Meneses¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de práticas pedagógicas desenvolvidas com atividades musicais em alunos surdos, em nível de educação fundamental do ensino regular, em uma escola pública de Marabá-PA. O principal objetivo é considerar, que estas práticas musicais podem se tornar estratégias de interação e inclusão dessas crianças especiais no processo de ensino e de aprendizagem. Para tanto, utilizaremos os conceitos de interação de Cevellini (2013), Lilia Rosa (2012), dos elementos musicais em Louro (2012), de surdez em Fink (2009) e de aprendizado em Royo (2012) e Urquizar (2012). Os resultados apresentaram que ao se trabalhar atividades musicais, particularmente os elementos da música – duração, intensidade e ritmo – demonstrou que os mesmos são possíveis de serem percebidos pelos alunos surdos, sensibilizando-os para a atividade musical, tornando-se assim, verdadeiramente uma prática de interação destes alunos com os demais.

Palavras-chave: Educação especial. Alunos surdos. Atividades musicais.

INTRODUÇÃO

A Lei Federal nº. 11.769, aprovada em 18 de agosto de 2008, alterou a LDB 9394/96 quanto ao ensino da arte, apontando agora a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica: “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (Brasil, 2008). Entretanto, apesar de fazer parte do planejamento e ser considerada como fundamental para o desenvolvimento cultural e cognitivo do aluno durante a infância, a música é tratada nas escolas como algo que já vem pronto, servindo como objeto de reprodução e formação de hábitos na rotina escolar, o que acaba por deixá-la em defasagem junto às demais áreas de conhecimento quando poderia atender a um propósito interdisciplinar,

¹Professora da rede municipal de Marabá (SEMED). Este trabalho é um excerto de meu Trabalho de Conclusão de Curso em Música pelo Programa Nacional de Formação de Professores – PARFOR, da Universidade Federal do Pará-UFPA, somado com outras experiências profissionais de minha vivência.



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

inclusive e principalmente para a educação especial, e mais ainda aos alunos com surdez, como espera-se demonstrar com os resultados dessa pesquisa.

As características principais de minha proposta surgiram de minha inquietação com relação aos alunos com necessidades especiais que são privados de participar das atividades musicais por serem rotulados como incapazes de aprender música. O curso de graduação em música, ofertado pelo Programa Nacional dos Professores (PARFOR) somado com minhas experiências profissionais diárias, proporcionaram grandes expectativas para a construção e realização desta pesquisa. As atividades, que já desenvolvia na sala Multifuncional de Atendimento Educacional Especializado (AEE), como educadora especial na escola de educação básica Walquise Viana em Marabá-PA me levaram a perceber que, embora a escola deva cumprir este papel de incluir, não utiliza metodologias inovadoras para que o aluno especial seja inserido e interaja efetivamente com os grupos da comunidade escolar. Surgiu a pergunta: os alunos surdos são capazes de “perceber” a música? Mesmo que fosse pela vibração e linguagem corporal?

Esta modalidade demonstrou, através dos estudos teóricos realizados no curso de graduação e na prática diária, ser mais eficientes em alunos com necessidades especiais, pois no geral, muitos professores se queixam da dificuldade de comunicação com os alunos surdos, pois a maioria desconhece a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS). Assim, foi nesse contexto que surgiu o interesse para pesquisar interação e reações de alunos com surdez em atividades de música na escola, buscando observar como a música pode contribuir para a educação e aprendizado em pessoas com esta limitação.

Entretanto na comunidade onde se deu a pesquisa, observou-se que, assim como na maioria das escolas, o que predomina ainda é a mera transmissão de conteúdos, sendo a música não praticada para além de breves teorizações sobre elementos musicais. Portanto, em modelo obsoleto como esse é claro que a inclusão de alunos da educação especial em atividades musicais



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará

não tem espaço adequado para desenvolver as atividades para ser um instrumento de inclusão.

Em observações feitas na sala de aula com um aluno surdo incluso, no início das atividades desenvolvidas com música, em março de 2014, pudemos constatar que ele ficava na maioria das vezes, sentado no fundo da sala desenhando, pintando e sendo motivado pelos colegas a fazer alguns gestos, ou de bagunçar, até mesmo perturbar e chamar atenção do professor. Quando questionamos o porquê do aluno lá atrás, maior foi nosso espanto com a resposta da professora “ele não aprende mesmo, ele não me entende e eu não sei me comunicar com ele”. Essa experiência citada foi vivenciada na sala de aula de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental e o aluno surdo dessa turma em questão ainda não é alfabetizado, o que dificulta ainda mais o aprendizado. No geral, ele somente copia conteúdos. Devido à falta de motivação, os professores e a coordenação não procuram alternativas de comunicação e interação com esses alunos, como a linguagem musical.

Como educadores da educação especial, realizando visitas periódicas às escolas com inclusão de alunos surdos, observamos a “inclusão” excludente vivida pelos alunos com surdez, como neste caso. Enquanto uma formação adequada não é posta efetivamente na política educacional do município, são importantes serem compartilhadas breves, pequenas e bem sucedidas experiências no sentido de servirem como laboratório para a consecução de um programa mais amplo de inclusão dos alunos com essa necessidade específica nas escolas. O relato de nossa experiência, que iremos apresentar agora, almeja apontar para essa direção.

OBJETIVOS

- Analisar como a música é explorada, enquanto recurso pedagógico, na educação especial;



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

- Desenvolver atividades lúdicas através da música, buscando estimular a criatividade dos alunos, além de trabalhar a inclusão de crianças especiais na sociedade;
- Reconhecer sons de diferentes timbres, utilizando materiais alternativos e o corpo como instrumento.
- Estimular o desenvolvimento corporal coordenação motora, auditivo e sensorial;
- Favorecer a integração social, trabalho em equipe, autoconfiança, desembaraço, auto-estima, criatividade;
- Reconhecer sons vocais e não vocais, como vibração, ritmo e intensidade;

METODOLOGIA

Para se trabalhar o desenvolvimento da musicalidade do aluno com surdez a metodologia empregada foi um pouco complexa, pois teve-se que levar em consideração prioritariamente a percepção tátil das vibrações que o aluno surdo determina sua experiência musical, que é dependente da sensação de distância entre o som, ou fonte sonora, e o aluno com surdez, o que determina a ocorrência ou não da vibração.

A partir de estudos teóricos neste sentido, propôs-se, nesta pesquisa atividades partindo da construção de instrumentos musicais pelos alunos e a prática de utilização dos mesmos, além do uso do corpo como instrumento percussivo, envolvendo crianças especiais com surdez e a interação destas com as crianças ditas “normais”, com a intenção de favorecer a cada aluno a descrição interessante e diversa sobre o mesmo som.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

Nossa atividade iniciou em março de 2014, durante o estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Música. Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico e teórico sobre ensino e aprendizagem de música da criança surda e da forma como essa capta o som. Constatamos que, além de haver poucos referenciais bibliográficos voltados para a educação musical do aluno surdo, encontram-se poucas pesquisas na área adaptadas à realidade das crianças brasileiras. Contudo, há exemplos de experiências realizadas com música como relatam Nadir Haguiara-Cervellini (2003), Viviane Louro (2012) e Regina Fink (2009). Além disso, observam-se as dificuldades manifestadas pelos professores de educação musical e profissionais da educação na realização de um trabalho na área de música voltado para as muitas diferenças encontradas na sala de aula.

Todavia, é do consenso entre os teóricos estudados que a música é uma das várias formas de linguagem humana. Assim, ao pensar o som sobre outros pontos de vista da integração e socialização do indivíduo e rompendo com ideias ou conceitos centrados na capacidade física e sensorial de ouvir, pode-se imaginar as possibilidades de sentir o som, a construção de um “som imaginário”. Conforme nos afirma a autora Cervellini, quando diz que:

A música, geralmente em volume muito alto, parece penetrar em seus corpos e eles dançam no ritmo e com muita leveza, causando inveja a muitos ouvintes. A meu ver, os surdos, assim como os ouvintes, devem ser expostos à música e incentivados a expressar sua musicalidade. (CERVELLINI, 2003, p.10).

Entende-se, com isso, que, ao estudar um conteúdo da música espera-se que o aluno aja de modo a desenvolver capacidades e habilidades que por sua vez, dependa de ações determinadas pelas expectativas socialmente resolvidas tanto pela escola quanto pelo professor. Além disso, a música tende a integrar a criança com o meio, promovendo principalmente a inclusão dos alunos com necessidades especiais envolvendo-os nos papéis de intérpretes da música na construção dos conhecimentos que desenvolve na criança a sensibilidade além



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

de outras qualidades como: concentração, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva, respeito a si próprio e ao grupo, destreza do raciocínio, disciplina pessoal, equilíbrio emocional e inúmeros outros atributos que colaboram na formação do indivíduo.

Sobre a percepção da música pela criança surda nos apoiamos em Fink (2009) que aponta a distinção entre ouvir o som e sentir o som “a vibração, sendo que:

O som é, simplesmente, o ar vibrando que o ouvido colhe e converte em sinais elétricos e que, então, são interpretados pelo cérebro. [...] Com a vibração de frequências muito graves o ouvido começa a se transformar ineficiente e o resto do sentido de toque do corpo começa a dominar. Por alguma razão nós tendemos a fazer uma distinção entre o ouvir um som e o sentir uma vibração, que na realidade são a mesma coisa (FINK apud GLENNE, 2009, p.61).

Para essa estudiosa “a intensidade e o sentir deve ser qualidade desde cedo explorada na educação musical da criança surda”. Assim, é a partir dessa relação de interação entre vibração e o som que a criança por meio do sentir, ouvir, cantar, imitar, dançar, etc., constrói seu conhecimento sobre música.

Complementarmente essa ideia, pode-se entender que ritmo deve ser considerado o elemento fundamental, na educação musical, como minimizador de dificuldades apresentada pelos surdos em sua atuação comunicativa, uma vez que este elemento não é exclusividade dos surdos, pois: “muitos ouvintes enfrentam o mesmo problema: por falta de estimulação psicomotora, por questões emocionais ou por falta de vivência musical.” (LOURO, 2012, p.194).

Na segunda etapa de nossa pesquisa, reunimo-nos com os alunos com surdez e outros “ditos normais” na Escola Walquise Viana. Todas as atividades foram desenvolvidas na escola em um espaço com sala de recursos e atendimento educacional especializado para alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, um local de fácil acesso e contendo os elementos essenciais para esta pesquisa. Os alunos, em maioria, são de zona rural e participante de programas de inclusão social. Os colaboradores participantes deste estudo foram alunos com surdez que frequentam a sala de recursos, e que



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

são atendidos no contra turno, em horários agendados. A faixa etária desses alunos varia de 8 a 16 anos.

Primeiramente observou-se que na escola escolhida ainda não está contemplando o ensino de música no currículo e nem no Projeto Político Pedagógico devido a não existência de espaço adequado para abrigar recursos musicais. De qualquer maneira a ausência de espaço não implica ou justifica a ausência da prática musical em sala de aula, mediante a prática curricular cotidiana. Contudo, a escola é contemplada com o programa “Mais Educação”, que insere nas atividades dos eventos escolares a música e a dança.

Por meio de observações livres e em caderno de registro, na escola, percebemos que as crianças com surdez não participavam das atividades musicais oferecidas, porque ficavam na sala de atendimento educacional especializado e que, por sua vez, não desenvolvem atividades com dança e música. Essa situação nos inquietou, pois em oportunidades anteriores em que estivemos na regência de classe, por conta do estágio, desenvolvemos com essas crianças atividades musicais e de artes através da confecção de instrumentos musicais percussivos. A realidade apresentada por essas crianças demonstrava que havia curiosidade, euforia e interesse em aprender a tocar e manusear esses instrumentos. Devido às limitações e a falta de capacitação, ou até mesmo medo “do novo”, o professor os deixava de fora das atividades musicais. Portanto, faz-se necessário um conhecimento mais profundo das necessidades especiais, com quebras de barreiras, como afirma Louro:

Não existe, no campo da realidade, um guia de procedimentos padronizados para lidar com desafios pedagógicos. No entanto, há caminhos e possibilidades para alcançar resultados de boa qualidade musical inclusiva, contando que o professor se prepare antecipadamente (LOURO, 2012, p.43).

Inicialmente tivemos uma conversa sobre som e reprodução dos mesmos. Utilizamos alguns sinais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e gestos para nos comunicarmos com os alunos com surdez. Além disso, imitamos sons de animais com os ouvintes (alunos não-surdos), que, por sua vez, colocaram a



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

mão sobre a própria garganta para que pudessem sentir a vibração do som. A sensação foi surpreendente porque sentiram tosse, cócegas e riram muito; em seguida, os alunos com surdez vivenciaram essa experiência, e também riram bastante.

Observamos que os alunos surdos ficaram surpresos e se sentiram importantes por participarem de atividades antes desconhecidas para eles. A sensação de inclusão estava clara nos rostos deles. No final da aula, quando terminamos a atividade proposta, ainda havia certo tempo, quando, por iniciativa deles, começaram a brincar de batata quente, “incluindo” os alunos surdos. Para nossa surpresa eles interagiram muito bem e prestavam atenção nos movimentos dos colegas para não errar

O conceito de que o aluno com surdez sente o som pela vibração aplica-se perfeitamente ao exemplo vivenciado na escola pública. Isso foi percebido na prática, no momento em que durante a audição de músicas os alunos surdos expressaram-se de diversas maneiras – dançando, fazendo coreografias, batendo palmas – e quando a música parava elas também paravam junto com os demais. Mas num determinado momento, enquanto esperava o sinal de comando da professora para começar, a música tocou e

um dos alunos com surdez começou a dançar, marcando pulsação com os pés e palmas. Pudemos observar que a vibração é pertinente quando tratamos de deixar os alunos surdos próximos da fonte sonora e a caixa de som no chão.

Nas atividades musicais onde os alunos surdos participaram juntamente com todo grupo houve uma grande sintonia de interação, isto é, eles se guiaram somente nos movimentos da professora, de como eram feitas as batidas, percebendo, a nosso ver, a intensidade do som e do movimento entre alunos surdos. No entanto, percebemos que com o tempo, a vibração sentida é relacionada com os instrumentos e como são tocados e que cada aluno apresenta uma velocidade diferente de aprendizado.



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

Em outra atividade precisamos formar grupos de quatro alunos, onde utilizamos material já existente na sala de aula e de convívio dos alunos. Entregamos aos grupos dez tampinhas de pet furadas no centro e pedaços de barbantes. O primeiro passo era fazer um nó na ponta do barbante e enfiar a tampinha até chegar ao nó, dava um espaço de dois centímetros e enfiava outra tampinha, repetia esta ação até terminar as tampinhas. Cada grupo repetiu três vezes o mesmo processo e no final juntamos os barbantes com tampinhas, amarramos e com leves balanços fomos identificando sons produzidos por esse instrumento. Alguns disseram que era som da chuva, de cachoeira, pica pau na árvore e quanto aos surdos colocamos o instrumento sobre a mesa e em seguida as mãos deles embaixo da mesa, mais bem próximo a madeira sem tocá-lo e fazendo sinal que ia mexer pra eles identificar a se havia vibração. Percebeu-se que um sentiu a vibração um pouco mais intensa que o outro. Nesta experiência as crianças ficaram todas de olhos fechados para melhor identificar os sons.

Na sala, no entanto, no momento em que aplicamos a experiência, houve direcionamento desse interesse para o desenvolvimento de outros aspectos ligados à descobertas dos infantes, como criatividade, coordenação motora, lateralidade, lógica, estética e demais habilidades correlatas.

Ao explorar o som, ritmo, melodia, harmonia e o movimento, os alunos fizeram a descoberta e a vivência da riqueza dos sons e dos movimentos produzidos a partir do próprio corpo. Um processo que tende a se sofisticar, e a levar a atividades criadoras musicais, e também à prática rítmica, partindo apenas de palavras e ações. Exemplo disso foi outra atividade desenvolvida onde os alunos construíram maracás com garrafas pets e depois fizemos a dinâmica que marcava o tempo nos pés e com o maracá. De pé os alunos davam um passo a frente iniciando com o pé direito e ao mesmo tempo chacoalhavam os maracás. Em seguida repetiam com o pé esquerdo e com os instrumentos.



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

Para voltar iniciava primeiro o pé direito para traz e depois o pé esquerdo, batendo sempre o pé junto com o som do maracá.

A princípio houve uma falta de sincronia grande, por parte de todos, não só dos alunos com surdez. Porém, não nos deixamos abater e insistimos por mais tempo. Logo observamos que quando fazíamos os comandos com clareza os alunos surdos compreendiam pela visualização. Assim desde que visualizem e pratiquem repetidamente esses comandos a atividade evolui. Para melhor fixar o aprendizado utilizamos movimentos num quadrado desenhado no chão com giz, o que ajudou na questão da coordenação motora e lateralidade.

No que se refere à interação dos mesmos pudemos perceber que houve uma harmonia interessante e um melhoramento considerável na socialização do grupo tanto no momento da aula de música como na sala regular. Ficamos surpresos quando descobrimos que uma das alunas com surdez estava balbuciando como se estivesse cantando enquanto fazia a atividade na sala de atendimento educacional especializado (AEE). E essa atitude se repetiu outras vezes e deduzimos e concluímos que a música despertou nessas crianças, alegria e um visível melhoramento na autoestima.

Vivenciamos um momento simples enquanto estávamos na sala de atendimento especializado com os alunos com surdez, uma caixa de som que ficava na janela da sala disparou um som bem forte e imediatamente eles colocaram a mão sobre os ouvidos e fazendo sinal que o som estava alto, barulho. Perguntamos com sinal em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais): doeu os ouvidos? Eles responderam fazendo sinal que não, só barulho. Nesse momento percebemos que as crianças com surdez são sensíveis a música e tem a capacidade de percepção vibrotátil. Contudo, pudemos entender que é preciso rever conceitos para trabalhar com essas modalidades. Assim se confirmou que:

Musicalmente falando, o primeiro grande desafio é fazer o surdo se concentrar e compreender a importância de se manter a pulsação. Neste sentido, é interessante iniciar as aulas com exercícios de concentração e pulsação através de atividades lúdicas, usando sempre o corpo como meio de expressão e



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

compreensão do conteúdo. Num segundo momento, pode-se introduzir a leitura rítmica musical, visto que o fato de aprender a ler as figuras colabora em muito com a organização neurológica dos alunos e facilita a compreensão musical. Paralelo a esse trabalho, é importante fazer sempre exercícios psicomotores e atividades para ampliar a sensibilidade tátil e “percepção” do som das vibrações. (LOURO,2008,p.01)

Royo e Urquizar recomendam que “as atividades devem se realizar sobre um tablado de madeira, oco e distanciado cerca de quinze (15) centímetros do chão, afim de que (através da vibração da madeira) fique mais fácil para o aluno a percepção das vibrações dos instrumentos” (2012, p.196). Constatamos numa das atividades desenvolvidas com as crianças surdas, que é possível haver percepção de vibração em outro tipo de ambiente que não seja tablado como piso de cimento liso, onde citamos anteriormente que o aluno começou a dançar e fazer coreografias logo que iniciou a música. Os alunos com os quais trabalhamos na pesquisa são crianças e adolescentes com surdez profunda que se expressam por gestos e um pouco da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A primeira grande dificuldade numa sala de aula de música para surdos é a comunicação. Por isso, um professor de música precisa saber de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) minimamente para poder passar o conteúdo de aula. A segunda dificuldade é que certas expressões musicais tais como “tocar no tempo”, valor das figuras musicais, entre outras, são muito difíceis de serem expressas em LIBRAS, pois o vocabulário se difere sensivelmente do português. (LOURO,2008,p.01).

Nas atividades musicais onde os alunos com surdez participaram juntamente com todo grupo houve uma grande sintonia de interação, isto é, eles se guiaram somente nos movimentos da professora, de como eram feitas as batidas, percebendo acredito, a intensidade do som e do movimento.

Nas atividades desenvolvidas e vivenciadas com os alunos surdos, percebemos que os mesmos têm grande interesse pela música o que falta é oportunidade. Nessa vivência apresentamos os tambores que, a princípio, causaram uma euforia grande, mas que faltou uma harmonia, pois tocavam




12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará

aleatoriamente, não atendendo aos comandos. Mas por outro lado, interagiram bem.

No outro momento antes de entregar os instrumentos mostramos os comandos e utilizei pulsação com o corpo. Só então, entregamos os tambores sem as batutas. Fizemos comandos utilizando a mesa e de fato houve uma percussão harmoniosa. Concluímos nessa aula que há necessidade de mais momentos como esse para se aprimorar e amadurecer a ideia de conhecimento musical. Nas atividades musicais onde os alunos surdos participaram juntamente com todo grupo, houve uma grande sintonia de interação, isto é, eles se guiaram somente nos movimentos da professora, de como eram feitas as batidas, percebendo, acreditamos, a intensidade do som e do movimento.

Em uma das aulas apresentamos aos alunos surdos um pouco das figuras musicais com a  (semibreve, mínima, semínima, pausa e colcheia). Para exemplificar os valores de cada figura de forma que eles entendessem, formamos grupos de crianças. Depois, distribuímos palitos de *sushi* representando o valor de cada figura. Para semibreve juntamos quatro palitos que significava quatro tempos, para mínima dois palitos, para semínima um palito, para pausa espaço e para apresentar colcheia dividiram um palito ao meio.

Pedimos que eles colocassem a mão na garganta e fizemos sons, mostrando o tempo que em determinado grupo, que representava uma figura, tinha um valor diferente; após isso, usamos palmas para representar, e, por fim, com uma folha de papel chamex, desenhamos a figura e cortamos conforme o valor da mesma. Essa vivência nos fez acreditar mais no potencial desses alunos, pois mesmo limitados de ouvir, têm muito interesse em aprender e socializar com os outros suas experiências. Percebemos, nas práticas desde o início, que todos eram capazes cada um com sua especificidade, um mais rápido outro mais lento, mas tudo a seu tempo.



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

Queremos ressaltar que os surdos são ótimos “imitadores”, pois possuem uma percepção visual muito acentuada, o que facilita seu aprendizado, mas para isso é necessário que o professor fique atento, porque pode ser que o aluno esteja apenas copiando sem ter compreendido na íntegra o que está sendo proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de pesquisa teve em sua pretensão indicar que alunos surdos podem desenvolver suas aptidões musicais através da interação com os outros colegas, visto que a música é uma linguagem, feita de ritmo e sons, capaz de despertar e exprimir sentimentos e reações. A música, utilizada como ferramenta lúdica da aprendizagem, representa um elo que pode reforçar todas as áreas do conhecimento, além de contribuir para o desenvolvimento da criança oportunizando formas capazes de comunicar sensações, sentimentos e pensamentos por meio de organização e relacionamento expressivo entre o som e silêncio.

Em nossas conclusões, depreendemos que a música pode em muito ajudar na luta por uma educação especial verdadeiramente inclusiva, uma vez que pelas atividades demonstradas superamos a ideia de que uma pessoa surda é incapaz de aprender música porque não ouve, mesmo sendo impossível trabalhar esse tipo de atividade com esses alunos. Vimos que os surdos não podem ouvir a música, devido a suas limitações, mas sentem a música através de vibrações que são processadas na mesma região do cérebro onde que os que possuem habilidade auditiva de forma natural utilizam para ouvir, possibilitando uma percepção diferente, mas não desconexa ou incoerente.

Sendo assim, esta pesquisa pode avançar em relação à interação da criança surda nas atividades de música, uma vez que pensar em educação musical para surdo é um tanto polêmico, visto que a música por ser um fenômeno que deve ser experimentado através da audição, dentro da percepção dos



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará

ouvintes, afasta-se da realidade dos surdos, sendo visto como algo que a comunidade surda não possa vivenciar.

Desta forma as limitações das crianças com necessidades especiais, surdez, em específico, não devem ser obstáculos ou impedimento para desenvolver a sensibilidade proporcionada pela música, tendo em vista que ela representa uma fonte importante de estímulo, equilíbrio, felicidade e autoestima para o indivíduo, através do poder criador desta linguagem artística, tornando-se, por consequência, um poderoso recurso educativo. Reiterando-se: a música é importante para o benefício da aprendizagem da criança surda.

Para que isso seja mais frequente e se torne uma realidade nas salas de aula de nosso país é necessária a continuidade de estudos voltados para a formação de professores, para que todos os alunos, com necessidades especiais ou não, sejam beneficiados com atividades lúdicas musicais para melhorar seu desempenho e desenvolvimento como cidadão e ser pensante. Diversos estudos enfatizam o papel da música sobre o desenvolvimento da criança, mas poucos investigam esse mesmo papel sobre o desenvolvimento da criança com surdez.

Este trabalho seria no sentido de incluí-los nas atividades musicais trazendo-os para a turma de alunos ditos “normais”, valendo-se do interesse demonstrado pelos alunos em relação aos instrumentos. Mesmo que houvesse limitações na aplicação da proposta em sala de aula, em função da limitação de tempo e da comunicação entre nós e os alunos, pretendemos, em estudos futuros, aprofundar mais esta pesquisa quanto à reação e sensação que a música provoca na criança com surdez, analisando suas limitações e dificuldades encontradas no decorrer deste processo de aprendizagem, e, por sua vez, constatar a capacidade de assimilação da música pelo aluno com surdez.

Sendo assim, a partir dessa nova ótica pedagógica, nas crianças especiais surdas realmente foi trabalhada a **inclusão**, com uma efetiva educação musical permitida com essas possibilidades inovadoras. Todavia, mesmo que se possa



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará

dizer que a educação de alunos com surdez já esteja bem avançada em nosso país, com o avanço do ensino de LIBRAS e outros recursos, no que se refere às práticas pedagógicas com educação musical com esses alunos, com toda certeza, ainda está no marco inicial. Esperamos que essa pesquisa seja mais um incentivo para a mudança desse quadro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei** n.º 11.769, de 18 de Agosto de 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 27 de Set. 2014.

CERVELLINI, Nadir Haguiara. **A musicalidade do surdo**: representação e estigma. São Paulo: Plexus, 2013.

FERREIRA, Eliana Lúcia. **Atividade física, deficiência e inclusão escolar**. Secretaria de Educação Especial/SEESP/MEC. Niterói: Intertexto. 2010. Niterói.

FINCK, Regina. **Ensinando música ao aluno surdo**: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva. Porto Alegre:[s.n.], 2009.

JULY, IlzaZenker Leme. Música e educação especial: uma possibilidade concreta para o desenvolvimento de indivíduos. **Revista do Centro de Educação de Santa Maria**, Santa Maria, v. 28, n.2, 2003.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: SOM, 2012.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida: **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas: Papyrus, 2010.

MADUREIRA, José Rafael. Rítmica Dalcroze e a criação de criança musicista: uma experiência no Conservatório Lobo de Mesquita. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**, Jequitinhonha e Mucuri, ano 1, n. 2, 2012.

PEREIRA, Jane Paulino. Atividade musical com surdos: percussão Corporal: In: CONGRESSO NORTE E NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7., Palmas, 2012. **Anais...** Palmas: CONNEPI, 2012.



12 a 14
DE NOVEMBRO
— 2015 —

II CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL **I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**

ROSA, Lilia, *Música & Educação Hoje: legislação e dicas de atividades musicais* Campinas: LR, 2012.

ROYO, Maria Ángeles Lou; URQUÍZAR, Natividad López. **Bases psicopedagógicas da educação especial.** Petrópolis: Vozes, 2012

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Os Surdos, a música e a educação.** Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/dialogicaV2-N5/Os%20surdos,%20a%20m%C3%BAsica%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 27 de Set. 2015.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos.** São Paulo: UNESP, 2002.